



## O DESENHO DA PAISAGEM AMAZÔNICA ATRAVÉS DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS – MORFOLOGIA E TIPOLOGIA URBANA EM AFUÁ/PA

VERA R., Tângari (1); RUBENS de Andrade (2); PEDRO Mergulhão (3)

(1) PROARQ – UFRJ ; vtangari@uol.com.br; (2) EBA – UFRJ; andrade.rubens@gmail.com; UNIFAP/ PROURB-FAU-UFRJ, pedromergulhao@hotmail.com.

### RESUMO:

A cidade de Afua – arquipélago do Marajó, estado do Pará – possui características paisagísticas que a tornam relevante para o estudo da paisagem. A estrutura do tecido urbano inscrito no padrão geográfico das cidades ribeirinhas amazônicas e as influências territoriais e socioculturais que constitui um *modus operandi* singular são elementos que traduzem formas distintas para o desenho dos espaços livres públicos da cidade. No caso específico das praças, ruas, orlas e demais espaços livres locais, é possível antever a criação de uma matriz morfológico/tipológica original. Essa matriz em tese surge organicamente a partir da dinâmica socioambiental, representada por cheias e vazantes de rios e igarapés, festas e celebrações e usos peculiares a uma cidade insular e isolada de grandes centros urbanos. Os cotidianos de Afua ativam a vida urbana e criam um desenho de paisagem *sui generis* à geografia de cidades ribeirinhas da região amazônica. Diante dos aspectos apresentados, o foco central deste trabalho é estabelecer um estudo das relações morfológicas e tipológicas voltadas aos espaços livres públicos da cidade e, com isso, interpretar, à luz do estudo dos sistemas de espaços livres de edificação, aproximações conceituais entre a forma urbana da cidade de Afua e o arcabouço teórico em questão.

**Palavras-chave:** Afua; Espaços livres; Paisagem; Morfologia urbana; Conservação.

### ABSTRACT

*The city of Afua - Archipelago of Marajó, Pará state - has features that make it relevant to the study of landscape. The structure of the urban fabric inscribed in the geographical pattern of riparian Amazonian cities and the territorial and socio-cultural influences are a unique modus operandi that reflects different ways to the design of public open spaces in the city. In the specific case of squares, streets, edgings and other local open spaces, it is possible to foresee the creation of an original typomorphological matrix. This matrix in theory organically arises from the environmental dynamics, represented by the flows of rivers and streams, parties and celebrations and peculiar uses an insular*





*town isolated from large urban centers. The Afuá everyday urban life activates and creates a landscape design pattern sui generis in the geography of coastal cities in the Amazon region. With the presented aspects, the central focus of this paper is to establish a study of morphological and typological relationships involving public open spaces in the city and, therefore, interpreted in the light of the studies about the open space systems, under the conceptual approaches between urban form of the city of Afuá and the theoretical framework in question.*

**Keywords:** Afuá; Open spaces; Landscape; Urban morphology; Conservation

## 1. ÁGUAS, FLORESTAS, PAISAGENS E A POTÊNCIA DOS ESPAÇOS LIVRES NO TECIDO URBANO DAS CIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA

A conjugação entre o ambiente “natural” e construído na Amazônia desenhou paisagens formais e simbólicas, cujo entrelaçamento entre natureza e cultura se manifestou de maneira complexa nas cidades ribeirinhas<sup>1</sup>. Tal interseção materializou nos tecidos urbanos estruturas morfológicas *sui generis* que não se adequam necessariamente às formas clássicas que desenharam a maioria de nossas cidades<sup>2</sup>.

As formas e usos inscritos nas cidades ribeirinhas surgem a partir de matrizes distintas cujos padrões sociais e *urbano-paisagísticos* têm especificidades que levantam questões e provocam inquietações quando se pretende interpretar: a) como essas cidades se estabeleceram; b) quais as suas dinâmicas construtivas; c) como se estruturaram os usos urbanos, os quais, no caso específico deste estudo, relacionam-se diretamente aos ambientes criados para o uso coletivo nos espaços livres públicos.

Diante de tais perspectivas, surgem dois elementos norteadores da reflexão. Ambos atentam para discussões inscritas a uma matriz formal, que desenha as cidades ribeirinhas, como também, espaços livres públicos, cujos aspectos pertinentes a sua criação, à forma/conteúdo e usos ganham relevo na discussão firmada por este trabalho.

<sup>1</sup> De acordo com José Aldemir de Oliveira, esta pode ser uma possibilidade de ler a ideia de cidade ribeirinha: “Na Amazônia as espacialidades urbanas, especialmente das cidades localizadas às margens dos rios, foram impostas, o que não significa reconhecer, de um lado, que estas formas não são homogêneas; e, de outro, que guardam resíduos de relações pretéritas como sinais de resistência. Na verdade, essas espacialidades revelam as diferentes estratégias dos diversos agentes produtores do espaço urbano que buscam, a partir das condições concretas, defender seus interesses, o que leva a compreender a paisagem como o resultado das determinações das políticas do estado, das relações sociais de produção e, mais que isso, como depositária de vida, sentimentos e emoções traduzidas no cotidiano das pessoas. Nas pequenas cidades amazônicas, localizadas no meio da floresta e às margens dos rios, o habitante deste espaço pode ser levado inconscientemente a estabelecer a dimensão de espacialidade a partir do encantamento da realidade física.” ([http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000300013&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000300013&script=sci_arttext) (Acesso JUL.2016))

<sup>2</sup> Ver SANTOS, Paulo. *Formação de cidades no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p.82-114].



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



No que tange ao segundo ponto, evidenciam-se, inicialmente, quatro questões que nos instigam a pensar como a cidade ribeirinha, as noções de espaço livre público e a paisagem estabelecem relações e desenham a dinâmica do tecido urbano da paisagem local. São elas:

- a) Seria possível condicionar/interpretar os espaços livres públicos, surgidos organicamente no tecido urbano em cidades ribeirinhas, sem os rigores de um planejamento urbano que não se antecipa ao uso da terra?
- b) Quanto à lógica sistêmica que pauta a ideia dos sistemas de espaços livres de edificação<sup>3</sup>, em que termos poderia ser aplicada para interpretar uma malha urbana que se constituiu organicamente em ambientes ribeirinhos?
- c) Seria o conjunto de espaços livres de Afuá um sistema ou, de fato, apenas uma perspectiva associativa aproximada para interpretação de paisagens construídas a partir de trocas transitórias, dinâmicas de usos urbanos temporários<sup>4</sup> e práticas construtivas típicas da região?
- d) Os espaços livres públicos de Afuá estariam sujeitos a uma métrica conceitual baseada nos conceitos de Sistemas de espaços livres de edificação, considerando que os mesmos apresentam na sua materialidade elementos que se ajustam aos ideários consagrados pelos conceitos de praça, jardins urbanos e mobiliários urbanos (canteiros, bancos, quiosques, entre outros)?

No caso das cidades ribeirinhas e da malha urbana, no que concerne a uma análise que trate das diferentes tipologias arquitetônicas e, mais especificamente, dos espaços livres públicos (ruas, praças, parques) e privados (jardins residências, quintais, entre outros), deve-se ter em mente que suas conjunturas urbanas não nos parecem ser demasiadamente suscetíveis ou, talvez, não se encaixem em padrões predeterminados para leitura de suas paisagens; padrões esses propostos por manuais e conceitos teóricos consolidados no âmbito acadêmico.

Há, nessas cidades, peculiaridades que potencializam demandas analíticas que ultrapassam arcabouços e matrizes que temos como “o padrão”. Com isso, não se quer se afirmar que as cidades ribeirinhas sejam o “elo perdido” na esfera do urbano ou, ainda, que essas cidades devam ser lidas sob o signo do exotismo; ao contrário, o que se defende é a necessidade de um estudo particular das historicidades, da dinâmica construtiva, das realidades sociocultural e urbana locais, para que haja uma leitura compatível com os processos que se dão nessas cidades, sobre as quais não é possível

<sup>3</sup> Ver TÂNGARI, Vera; SCHELLE, Mônica, ANDRADE, Rubens. *Sistemas de espaços livres públicos: o cotidiano, apropriações e ausências*. Rio de Janeiro: Coleção Proarq, 2010; especialmente *As formas e os usos de espaços livres nas cidades brasileiras: elementos para leitura e análise das esferas públicas e privadas debatidos sobre a paisagem* [p. 16-27].

<sup>4</sup> Destaca-se que a dinâmica das cheias e vazantes dos rios e igarapés, a periodicidade das chuvas, assim como a matéria-prima básica que constitui a arquitetura da cidade, essencialmente de madeira, geram uma transmutação na imagem da cidade. Trapiches, fachadas de edificações, grandes deques e mobiliário urbanos com frequência são alterados.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



traçar paralelos com cidades de médio e grande porte da região; nestas, o isolamento e a lógica endógena de trocas não são a base que constroem a relação do homem com a sua paisagem<sup>5</sup>.

Em um plano geral, é possível afirmar que, visto do alto, com seu verde predominante, o território amazônico sugere a ideia de uma paisagem uniforme e plana; um ambiente onde se conjugam ecossistemas e cursos d'água em profusão e, em menor grau, cidades. No entanto, as múltiplas realidades presentes na Amazônia são culturalmente diversas, politicamente complexas e ambientalmente instáveis<sup>6</sup>.

No caso da paisagem urbana, a mesma concretizou-se por um *habitus* que se alterna, altera, subtrai, acrescenta, mimetiza, associa e gradua as relações estabelecidas entre a “natureza” e a ideia de cultura<sup>7</sup>. Particularmente, a ideia de cultura pode ser interpretada e reconhecida ao longo de um de tempo *continuum*, e igualmente de rompimento, em vista de ideologias e dinâmicas que dão forma e conteúdo ao espaço, atribuindo-lhe a ideia de lugar.

Quanto aos estudos morfológicos<sup>8</sup>, que são um elemento à parte nesta análise, destaca-se que, apesar das transformações urbanas ocorridas na Amazônia, as paisagens remanescentes imprimem à região características próprias que ainda estão presentes, pois a flora, a fauna e os elementos hídricos são visíveis na paisagem das cidades, ainda que algumas estejam comprometidas em sua qualidade ambiental. Nas cidades, a inter-relação de elementos abióticos e bióticos determina o *modus* de vida que entendemos ser peculiar das cidades da região, em especial das cidades ribeirinhas.

Em meio a esse complexo território, as reflexões se voltam aos elementos geobiofísicos, que expressam a essência da paisagem, a alma do lugar, e as relações culturais ali construídas. Nesse sentido, é possível revisitar o conceito de *contigüidade*, proposto por Sergio Ferraz Magalhães, e perceber que o mesmo se identifica com as transformações no ambiente, na cultura, na forma do

<sup>5</sup> Ver BECKER, Berta. *A urbe amazônica: a floresta e a cidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. Especialmente, o capítulo 2: “Relações entre cidades e a natureza dos surtos e a Geopolítica do Estado” [p.38-44].

<sup>6</sup> Ordens essas que impõem à região análises consubstanciadas e compromissadas com a necessária cientificidade e, por que não dizer, com uma devotada afetividade, haja vista seus atributos e possibilidades em prol de seu desenvolvimento sustentável e conservação (ARAGÓN, 2013; SACHS, 2008).

<sup>7</sup> A perspectiva oferecida por Lefebvre (1974 *apud* TRINDADE, Jr, 2005, p. 9), relacionada à ideia de espaço – concebido, vivido e percebido – e que, ao ser rebatido na Amazônia, revela: “A relação histórica entre as cidades e os rios na Amazônia apresenta uma forte dimensão geográfica, responsável por expressar material e simbolicamente, em suas paisagens e em seus espaços, determinadas particularidades construídas através de uma multiplicidade de usos e de formas de apropriações, relacionadas às necessidades de produção econômica e de expressões sociais com fortes apelos culturais ligados/associados ou não às singularidades locais e às particularidades regionais.”

<sup>8</sup> A morfologia urbana supõe a convergência e a utilização de dados habitualmente recolhidos por disciplinas diferentes – economia, sociologia, história, geografia, arquitetura etc. – a fim de explicar um fato concreto: a cidade como fenômeno físico e construído. (...) Importa clarificar que a morfologia urbana é a disciplina que estuda o objeto – a forma urbana – nas suas características exteriores, físicas, e na sua evolução no tempo (LAMAS, 2000, 38).





tecido da cidade, na arquitetura, no paisagismo e nas paisagens transformadas ou conservadas<sup>9</sup>, que, no caso particular das cidades ribeirinhas, ganham relevo.

Nos estudos sobre a região parece ainda útil destacar, por último, nos trabalhos de Assis Ab'sáber (2014) e Berta Becker (2013), as perspectivas relativas ao diálogo/imposição cultural que pesam suas ações e desenham as formas urbanas da Amazônia. Nesses autores, é possível ter a dimensão das singularidades das cidades ribeirinhas e das suas paisagens, assim como eles mostram que estruturas complexas e o instável surgem como fatores fundantes e determinantes na região. Inseridos na compreensão e no reconhecimento da dimensão da paisagem como fator preponderante a planejamentos, planos e projetos, consolidam-se tecidos urbanos diversificados em cidades grandes, médias e pequenas, assim como em localidades dispersas ao longo de rios, baías, igarapés e furos na Amazônia, as ditas “cidades ribeirinhas”.

## 2. AFUÁ – DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS EM UMA CIDADEIRA RIBEIRINHA

A cidade de Afua (**figura 1a e 1b**), situada ao norte do Brasil, no arquipélago do Marajó, Estado do Pará, apresenta uma ambiência ribeirinha<sup>10</sup>. Ela é suscetível às ações de um mundo globalizado, que suprimem distâncias geográficas e dissolvem fronteiras físicas e sociais, porém a mesma parece ainda se beneficiar de um conjunto de características que lhe conferem o *status* de uma cidade ribeirinha (**figura 2**). A ideia de cidade ribeirinha possui forma e conteúdo presentes na arquitetura, no traçado da cidade, nos jardins e na paisagem que estão inscritas aos elementos hídricos amazônicos.

Afua conjuga uma série de processos e contextos, no âmbito físico e sociocultural que assinalam variações existentes na construção do seu ambiente urbano representado por configurações arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas autóctones e também exógenas que significam e ressignificam uma paisagem que vivencia impactos que tem alterado a dinâmica compositiva desse ambiente. Os processos pelos quais as cidades têm passado ao longo dos anos ameaçam valores materiais e simbólicos cujos resultados são a inter-relação entre elementos abióticos, bióticos, culturais, que imprimem marcas na sua paisagem e condicionam vidas. Isto se dá por vontades,

<sup>9</sup> Ressalte-se que isto se dá de modo não impositivo, por meio do reconhecimento do preexistente, em oposição à ideia de continuidade e ruptura, as quais subjazem, respectivamente, à ideia de permanência e interrupção, portanto, improcedentes à ideia de dinamismo da paisagem. Segundo ainda o autor, o conceito de contiguidade traz em seu bojo a ideia de proximidade, vizinhança, contato, convívio, interação e diversidade; condições estas que dão sustentação à ideia de construção da cidade como obra – e não produto capitalista – do entendimento e compartilhamento político e social humano (LEFEBVRE, 2001).

<sup>10</sup> Segundo Ab'Saber, o Baixo Amazonas ou Golfão Marajoara se caracteriza por suas especificidades paisagísticas geomorfológicas e estruturais que veem sendo desenhadas há milhões de anos e cujas expressões de maior relevância são a floresta equatorial e a gigantesca bacia do rio Amazonas, constituída por um vastíssimo glossário de elementos hídricos formados por uma variedade de rios, panamás, igarapés, furos, lagos, etc. (AB'SABER, 2004).



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



demandas, fluxos, e, sobremaneira, por conta da “água”, esta que em suas variadas formas impõe realidades cotidianas para e na cidade.



-  I - THE AMAZONIAN:  
LOW LANDS COVERED BY THE EQUATORIAL FOREST
-  II - THE CERRADO:  
EXTENSIVE PLAINS COVERED BY CERRADOS AND GALLERY-FORESTS
-  III - THE COASTAL HILLY SURFACE:  
EXPRESSIVE CONCENTRATION OF HILLY SURFACES COVERED BY THE ATLANTIC RAINFOREST
-  IV - THE CAATINGAS:  
LOW LANDS SURROUNDED BY HILLS AND HIGH PLAINS COVERED BY THE CAATINGAS
-  V - THE ARAUCARIAS:  
SUB-TROPICAL HIGH PLAINS COVERED BY ARAUCARIA PINES
-  VI - THE PRADARIAS:  
SUB-TROPICAL LOW PLAINS WITH MIX PRADARIAS.

**Figura 1a: Esquerda- Mapa do Brasil com a localização da área em estudo. Fonte: AB’SABER, 2003;**  
Direita-Vista aérea da Ilha do Marajo na Região Metropolitana de Belém: os rios, a floresta e o tecido urbano.  
Fonte: Rubens de Andrade, 2015; Ortofotos – levantamento aerofotogramétrico de Belém, 1998.



**Figura 1b: Cidade de Afuá em escala 1: 25.000 e 1: 10.000, destacando o tecido urbano interceptado por pista de pouso, configurando padrões morfológicos distintos, a oeste e a leste da pista.**  
Fonte: Imagens do Google Earth, 2016.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 2. Orla de Afuá com destaque para o movimento fluvial no trapiche próximo a praça da igreja matriz.  
Fonte: Rubens de Andrade, 2015.

O regime de marés e a falta de infraestrutura portuária na Amazônia apresenta uma perspectiva instigante para dimensionar o isolamento parcial da cidade que contribui para a salvaguarda de seu patrimônio material e imaterial. O transporte basicamente é feito por embarcações tradicionais, mas as lanchas modernas mais velozes alteram a ideia do “tempo amazônico”, e geram um curioso processo transformações naquela sociedade, pois revela a assimilação de *modus* de vida contemporâneo que definem outra ordem de utilização do tempo.

O movimento das lanchas também se impõe como uma solução conflitante à estrutura da paisagem dos rios amazônicos, pois esse circuito diário de viagens causa impacto ambiental ao provocar fortes mareas nos rios; fator esse que agrava artificialmente o fenômeno natural das “terras caídas”<sup>11</sup>.

A malha urbana de Afuá se estende por 8.372,795 km<sup>2</sup> de superfície sobre as águas, em sua totalidade edificada sobre pilaretes em madeira ou concreto. Ela é composta de passarelas denominadas localmente de “estivas”; por espaços livres públicos e por edificações em sua grande maioria, em madeira, que expressam formas e cores diversas produzidas pelo fazer autóctone (figura 3).

<sup>11</sup> Terminologia regional amazônica usada para designar erosão fluvial nas margens do rio Amazonas e de seus afluentes de água branca. Trata-se de um fenômeno complexo, multicausal e que acontece em escala quase que imperceptível, pontual, recorrente e não raro catastrófico [...]. (2006 *apud* SIQUEIRA DA IGREJA, 2009).



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 3: Aspectos da paisagem urbana de Afuá.  
Fonte: Rubens de Andrade, 2015.

Atualmente a dinâmica construtiva de Afuá tem gerado mudanças substanciais quanto à substituição de materiais construídos e das tipologias arquitetônicas. Apesar de a madeira ser a matéria-prima utilizada predominantemente na cidade, as construções em alvenaria e concreto começam a se impor como um elemento que redefine a silhueta da paisagem que se materializa naquele ambiente. A tendência de transformação em Afuá, no que se refere à expansão da malha urbana e aos aspectos construtivos – vias de circulação, edificações, praças, mobiliário, vegetação e demais elementos urbanos – aponta para alterações que tendem a romper a identidade arquitetônica, morfológica e paisagística da cidade<sup>12</sup>.

Diante do processo de transformações urbanas, surgem ações que criam dicotomias e esgarçam o tecido social. As narrativas de diferentes setores da sociedade produzem ações que alteraram a paisagem por meio de discursos voltados à ideia de melhoramentos urbanos que, se por um lado, visam qualificar o espaço urbano, a partir do estabelecimento de dispositivos urbanísticos exógenos a sua paisagem; por outro, geram-se tensões e contrapontos que potencializam discursos cujo pauta valoriza a cultura e tradição local.

<sup>12</sup> Esse aspecto também nos faz rever os conceitos revisionistas como princípios opostos à “modernidade superada” definida por Montaner (2012, 125-126), princípios estes que asseguram que o projeto arquitetônico deveria “ser capaz de qualificar o lugar interpretando o *genius loci*, em sintonia com as ideias de espaço e lugar definidas por Martin Heidegger e por Christian Norberg-Schulz”. Cabe destacar a progressiva perda das características originais da cidade, deflagrada pelo desejo de parcelas da sociedade local de desenhar uma “nova Afuá” que esteja em sintonia com o mundo globalizado. Observa-se que as escolhas geram tensão e conflito quando relacionadas à paisagem urbana, culturalmente construída ao longo do tempo e cujo *status quo* arquitetônico, urbanístico e paisagístico ainda se conserva, em grande medida, na atualidade.





XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Sob o ponto de vista do contra-discurso, percebe-se a formação de grupos de resistência que se materializam na paisagem através de ações sociais, visibilizadas na cidade através de festas públicas que celebram nos espaços livres públicos – vias, orlas (*decks*) e praças – as tradições, credos, e datas comemorativas locais e regionais. Os eventos, envoltos no manto da religiosidade, da cultura popular ou cívica, são o ápice do conagraçamento social, onde a essência societária local manifesta *modus vivendi* amazônico.

Quanto à mobilidade interurbana, esta é feita exclusivamente a pé ou em bicicletas que surgem como um elemento à parte na paisagem, devido à sua incidência, ao seu apelo estético e funcional e à sua originalidade. Essas “charretes” contemporâneas e sem cavalos atendem às demandas da população e, em particular, seduzem turistas que as alugam. Identificam-se variações de tipos e modelos, tais como o “bici-taxi”; a “bici-ambulância”; a “bici-bombeiro”; a “bici-polícia”; “bici-delivery”, que são adaptações de modelos tradicionais de bicicletas para uso em serviços diversos e feitas em ferro, alumínio e materiais customizados.

As transformações que se impõem ao contexto regional paisagístico de Afuá estão relacionadas à configuração tipológica das artérias urbanas, tradicionalmente do tipo “estivas”, em madeira. Há de fato ações da prefeitura que pretendem substituir as vias principais constituídas originalmente em madeira, por estruturas e lajes em concreto armado (**figuras 4a-4b**).

Frente a este quadro, o conceito de “conservação integrada”, experimentado na Itália segundo Jokilehto (2002) não encontra reflexo no contexto amazônico, todavia interpretamos que esse é um viés possível para a conservação da paisagem de Afuá, expressa por meio das tipologias arquitetônicas e urbanísticas ainda presentes em maioria na paisagem.



Figura 4a. Mobilidade urbana em Afuá: “bici-taxi”; Figura 4b. Vias em madeira com estrutura em palafitas.

Fonte: Rubens de Andrade, 2015.





De acordo com J. Jokilento, a conservação integrada é alcançada pela aplicação de técnicas de restauração sensíveis e pela escolha correta de funções apropriadas. No curso da história, os corações das cidades e de alguns vilarejos foram deixados a se deteriorar e se tornaram áreas de habitações de baixa renda. Sua restauração precisa ser feita com um espírito de justiça social e sem levar à expulsão dos habitantes mais pobres. Por isso, a conservação deve ser uma das primeiras considerações em todos os planejamentos urbanos e regionais. Segundo ao autor, a conservação integrada não elimina a introdução da arquitetura moderna em áreas contendo edificações antigas, cinto que o contexto existente, proporções, formas, tamanhos e escalas sejam completamente respeitadas e sejam usados materiais tradicionais.

### **3. OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE AFUÁ – LUGARES DE EXPERIÊNCIAS AQUÁTICAS, FORMAS E USOS *SUI GENERIS***

Ao analisarmos os espaços livres públicos de Afuá, aspecto relevante para o estudo da morfologia e da paisagem urbana, faz-se necessário associá-los à estrutura da malha que, conforme descrito na **Figura 1b**, apresenta características distintas quando considerado o limite físico imposto pela pista de pouso. A pista surge como um espaço livre de dignificativa proporção que delimita a fronteira entre a trama consolidada, a oeste, e a área em expansão, a leste, constituída por um tecido fragmentado e com edificações dispersas onde mora a população com menor poder aquisitivo e onde a infra e a super estruturas urbanas são de qualidade inferior.

Num segundo nível de análise, tendo como recorte apenas a trama urbana consolidada, e que se relaciona diretamente aos rios e igarapés, é possível traçar aproximações e problematizar o desenho da paisagem urbana de Afuá em relação aos conceitos de sistema de espaços livres. De acordo com as quatro questões apresentadas no início desta reflexão, podemos afirmar que a conjuntura do tecido urbano de Afuá estrutura-se através de um conjunto diferenciado de elementos com particularidades diversas em termos de formas, dimensões, funções, acesso e tratamento paisagístico.

A pluralidade morfológica e tipológica dos espaços livres públicos são elementos que ganham relevo nesta análise, uma vez que, hipoteticamente, os esquemas espaciais criados na trama urbana de Afuá, necessariamente, não exercitam o rebatimento dos mesmos arranjos compositivos ao longo da cidade. Os efeitos paisagísticos não são homogêneos, ao contrário, se manifestam em desenhos de dinâmicas próprias onde a combinação de amplos trapiches (*decks*), arborização, mobiliário urbanos



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



(bancos, quiosques, jardineiras, entre outros) e estivas se diversificam e criam cenários paisagísticos individualizados.

As formas idealizadas nos espaços livres públicos de Afuá, desenharam ambientes cênicos onde a floresta, rios e igarapés surgem como pano de fundo. De fato, o “palco a céu aberto” concebido, demonstra que a tradição local se faz presente tanto através do saber tecnológico autóctone, apreendido pelo experimentar a dinâmica ambiental da região, como pela vivência do espaço-tempo amazônico, que imprimiu uma estética própria na arquitetura da cidade e consequentemente, na criação dos seus espaços livres públicos.

As praças, orlas e estivas de Afuá possuem formas paisagísticas singulares que estabeleceram na cidade uma malha urbana que reforça o fluxo de pessoas a pé e de bicicletas pelas suas vias (estivas). Essas mesmas vias podem ser consideradas elementos de interligação entre os espaços livres públicos, o que justificaria a perspectiva teórico-conceitual preconizada pela ideia de Sistemas de espaços livres de edificação.

Todavia, esta é uma questão a ser aprofundada, uma vez que o arcabouço teórico-conceitual, que define tal perspectiva sistêmica de organização dos espaços livres, pode encontrar inconsistências na dinâmica urbana local afinal, os movimentos, usos, e apropriações e ativações de espaços livres públicos, nem sempre se moldam a padrões previamente estabelecidos, que tem como fundamento, estruturas de cidades que não encaixam a forma urbana de cidades ribeirinhas.

De todo modo o leitor que se utiliza desse arcabouço teórico, encontrará meios de decodificar as formas, usos e conteúdos que definem cidades como Afuá. Com isso afirma-se que se encontram em Afuá elementos que potencializam uma leitura urbana onde há meios de interpretá-la a partir da lógica sistêmica de organização de espaços livres públicos de edificação.

Aplicando-se o referencial proposto por autores que se dedicaram ao tema (CAMPOS *et al.*, 2011 e 2012; MACEDO, 1993, 1999, 2012; MAGNOLI, 1982; TARDIN, 2008; TÂNGARI, ANDRADE, SCHLEE, 2009), podemos afirmar que, no setor do tecido consolidado, Afuá apresenta um sistema equilibrado de distribuição de espaços livres, tanto públicos como privados, que atende às demandas do cotidiano da população que aí habita ou trabalha, justificando-se as ações de preservação da qualidade ambiental e de vivência, conforme defendido anteriormente.

Em termos de estrutura, observamos que se intercalam o sistema principal de circulação – as vias sobre as águas em palafitas de madeira e passarelas em concreto – e os acessos às edificações ladeados por jardins, quintais e pátios. Integrados a esses dois sistemas, de acesso público e de

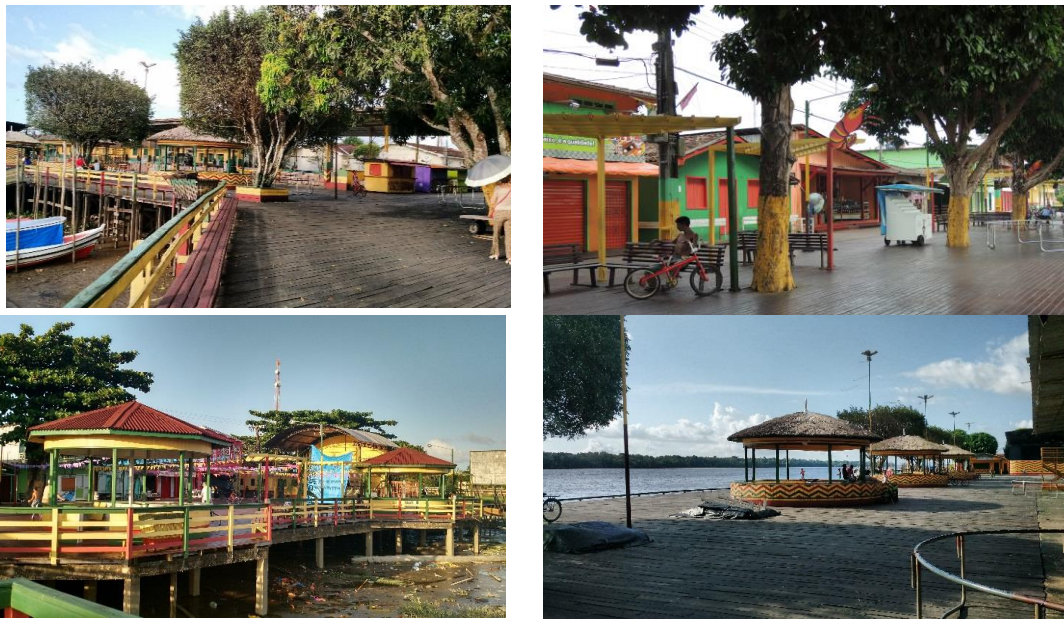


XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



acesso privado, os pequenos e médios lugares de convivência (pracinhas) e recreação (campos de jogos e brincadeiras) interagem com as praças de uso de vizinhança e com as praças de alcance urbano localizadas junto aos terminais de barco, às igrejas e aos espaços de festividades e comemorações.

Os mosaicos apresentado nas **figuras 5 e 6** indicam características do tecido urbano e de alguns dos espaços livres selecionados para exemplificação das relações com os cursos d'água em Afuá, sobretudo aqueles diretamente ligados ao rio. Combinam-se espaços de uso privado e individual, como pequenas hortas, jardins e quintais com presença mais destacada na época de vazante, e espaços de uso públicos e coletivo, localizados junto às margens do rio – praças, terminais, áreas de eventos, etc - assim como a própria pista de pouso que, pela sua localização e dimensão, é utilizada por crianças e adultos para o jogo de bola, brincadeiras diversas, recantos de conversa e descanso junto ao comércio local que para ela se abre.



**Figura 5:** Orla em *deck* junto a terminal de barcos, Passeio em *deck* com equipamentos de recreação e gazebos, Praça com quiosques para festejos, Orla principal de Afuá com quiosques para festividades. Tipologia e morfologia dos espaços livres públicos em quatro momentos na orla com destaque para o mobiliário urbano que reafirma o regionalismo da estética amazônica. Estruturas em madeiras customizadas em cores típicas da cidade.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



**Figura 6:** Passeio ajardinado à margem do rio, Canteiros ajardinados com *deck*, bancos e caramanchão (*folie*) circunvizinhas às residenciais, jardins residências e, áreas livres circundante a escola municipal. Quatro momentos que conjugam estruturas de espaços livres públicos. No mosaico destaca-se espaços livres para circulação, recreação e convivência em Afuá. As articulações entre vias (estivas) e espaços de diferentes formas e finalidades sinalizam apropriação dos pressupostos teóricos do Sistema de espaços livres públicos de edificação.

Fonte: Rubens de Andrade, 2015

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações ocorridas na paisagem urbana de Afuá podem estar associadas a processos globalizantes de modernização que se estabelecem em países e regiões carentes de políticas e planejamentos público direcionadas à efetivação de um projeto regional, em que pese a conservação de paisagens culturais.

O que importa destacar nesse artigo é que a conservação material das tipologias arquitetônicas e urbanísticas se concentra na relevância do significado que estas têm para a região e para o país, como exemplares de cidades, edificações, paisagens amazônicas e ribeirinhas.

Justificam-se também, em igual medida, porque elas representam um saber cultural elaborado ao longo do tempo pela população amazônica, a partir de heranças indígenas e portuguesas, e que se fizeram ribeirinhas, e, como tal, são merecedoras de conservação, no presente e para o futuro do lugar, ainda que as pressões modernas apontem caminhos contrários.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



## REFERÊNCIAS

- ARAGÓN, L. E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate*, São Paulo: Hucitec, 2013.
- AB'SABER, A.. *Amazônia: do discurso à práxis*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BECKER, B. *A urbe Amazônida*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- CAMPOS, A. C et al (eds). *Sistemas de espaços livres-conceitos, conflitos e paisagens*. São Paulo: FAUUSP.
- CLEMENT, C, JUNQUEIRA A. Plantas domesticadas, uma história fascinante *In: Scientific American Brasil (1)*, 42- 49, 2008.
- DIAS, M, SILVA. M. J. Afuá: Veneza Marajoara, Pará-Brasil, *Revista Geográfica de América Central*, Número Especial. Costa Rica: EGAL, 2011 [p.1-18]
- IBGE. *Cidades*, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>, acesso em 24abr.2016.
- JOKILEHTO, J. Conceitos e idéias sobre conservação, *In: S. Zancheti (ed) Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife:UFPE, 2002.
- LAMAS, J. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MACEDO, S. S. *Paisagem, urbanização e litoral*. Tese de livre docência. São Paulo: FAUUSP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Paisagismo brasileiro na virada do século*. São Paulo: EDUSP/Ed.Unicamp 2012
- MAGALHÃES, M. P. O mito da natureza selvagem *In: Scientific American Brasil (1)*, 36-43, 2008.
- MAGALHÃES, S. F. *Ruptura e contigüidade: a cidade na incerteza*, Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2005.
- MAGNOLI M *Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. Tese de Livre-Docência, São Paulo: FAUUSP, 1982.
- MONTANER, J. M. *A modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea*. São Paulo: G. Gili, (2012)
- SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- TÂNGARI, V, SCHLEE, M. B, ANDRADE, Rubens de (Org.) *Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências*. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ-PROARQ, 2009.
- TARDIN, R. *Espaços livres: sistema e projeto territorial*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- TOCANTINS, L. *O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1961 .
- TRINDADE, Jr. S. C. Cidade e cultura na Amazônia: práticas e representações espaciais na orla fluvial de Belém (PA) *In: Valença, M; Costa, M. H. B. Espaço, cultura e representação*. Natal: UFRN, 2005.

